

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE ARTES CÊNICAS E DANÇA – LICENCIATURA**

**ALESSANDRA MACHADO RODRIGUES**

**CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES NO DESENVOLVIMENTO  
DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN**

CAMPO GRANDE – MS  
NOVEMBRO – 2016

# **CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES NO DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Artes Cênicas e Dança  
da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-  
Unidade Universitária de Campo Grande.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Sônia Filiú Albuquerque Lima

CAMPO GRANDE – MS  
NOVEMBRO – 2016

# CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES NO DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

Alessandra Machado Rodrigues<sup>1</sup>  
Sônia Filiú Albuquerque Lima<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar a contribuição das artes no desenvolvimento de pessoas com Síndrome de Down, atendidos pela Sociedade Educacional Juliano Varela, discutindo a formação do arte-educador no curso de Artes Cênicas e Dança, da UEMS, para atuar como docente de pessoas com esta síndrome. A metodologia qualitativa, de inspiração etnográfica, desenvolveu-se como um estudo de caso, descrevendo a utilização das quatro linguagens da Arte utilizadas na educação dos discentes na Sociedade Educacional Juliano Varela, que atende pessoas portadoras da Síndrome de Down, desenvolvendo potencialidades e promovendo a inclusão social, por intermédio, de ações educacionais. Os instrumentos de pesquisa foram: levantamento bibliográfico, observação participante, entrevistas semiestruturadas, coleta de dados e observação das práticas realizadas na instituição, visando à compreensão do processo de aprendizagem da pessoa com Síndrome de Down e como a Arte contribui para a comunicação e inclusão social na visão dos alunos e professores. A discussão foi embasada em: Strazzacappa (2004), Boal (2005), Saad (2003), Barbosa (2016) entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Síndrome de Down. Artes. Inclusão. Atendimento Educacional Especializado

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, busca-se evidenciar e discutir as contribuições das artes no desenvolvimento de pessoas com Síndrome de Down, doravante SD. O interesse por este tema surgiu a partir da experiência de ter como colega de sala um acadêmico com SD no curso de Artes Cênicas e Dança, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Campo Grande.

O interesse foi aumentando após tomar conhecimento do ingresso de 18 pessoas com Síndrome de Down no ensino superior no Brasil, conforme levantamento feito por uma ONG em 2012 (G1, 2016). O que era considerado praticamente impossível na história remota e recente, hoje paulatinamente, vai se tornando uma realidade em casos de profissionais com SD, graduados e considerados bem sucedidos, no sentido da superação de barreiras, alcançando lugares e situações de inclusão em várias profissões, como Pedagogia cursada por Erida Nublat (Ibid) e Biologia por Amanda Amaral Lopes (ATARDE, 2016), entre outros.

Conforme Saad (2003), constata-se ultimamente, cada vez mais, o desempenho relevante de pessoas com SD que tiveram oportunidade de desenvolver suas potencialidades, nas mais diversas áreas do conhecimento. Outro exemplo é o caso de Gabriel Almeida

---

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Artes Cênicas e Dança, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

<sup>2</sup>Orientadora. Docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade de Campo Grande. Doutora em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco.

Nogueira, ao se tornar o primeiro acadêmico com SD a concluir o curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Pelotas – RS (SAAD, 2003).

Tejada (2015, p.1), professora de Gabriel, ao discorrer sobre sua trajetória, comenta: “Ele tem características fundamentais ao professor de teatro: sensibilidade, respeito, disciplina e capacidade de conviver em grupo. Será um ótimo professor”. Casos como este, reforçam a discussão de que a inclusão de pessoas com SD no ensino regular tende a oportunizar não somente o seu desenvolvimento, mas possibilita a desconstrução de preconceitos e fomenta atitudes que vejam o aluno a partir de suas possibilidades e não de suas limitações, reconhecendo probabilidades de inserção em outros níveis de ensino.

A Síndrome de Down é uma condição humana geneticamente determinada. Trata-se de uma alteração cromossômica, um erro na divisão celular durante a divisão embrionária, a Trissomia do cromossomo 21, que resulta em três cromossomos no par 21 em vez de dois. A SD é a principal causa de deficiência intelectual na população. O termo “síndrome” significa um conjunto de sinais e sintomas e “Down” designa o sobrenome do médico e pesquisador, John Langdon Haydon Down, que primeiro descreveu a associação dos sinais característicos da pessoa portadora da síndrome (MEC, 2014).

Estes sinais são: olhos oblíquos, rosto arredondado, mãos menores com dedos mais curtos, prega palmar única, orelhas pequenas, dificuldades motoras devido à hipotonia (redução da força muscular), atraso na articulação da fala, comprometimento intelectual e, conseqüentemente, aprendizagem mais lenta, podendo ser esse déficit cognitivo leve, moderado ou severo. Até hoje não se sabe por que isso acontece, sendo necessária a adoção de atendimentos que os auxiliem na promoção do desenvolvimento das suas potencialidades, como a estimulação precoce, fonoaudiologia, fisioterapia, entre outros, para que sejam capazes de vencer as limitações que essa alteração genética lhes impõe.

O ensino dos alunos com SD passou por diversas transformações e conquistas ao longo dos séculos. A *Declaração de Salamanca*<sup>3</sup> defendeu a inclusão de alunos com necessidades especiais no sistema regular de ensino. Com a consciência da importância de ações voltadas para o atendimento de alunos com deficiência, políticas públicas foram adotadas e desenvolvidas pelo Ministério da Educação, fundamentadas no princípio de

---

<sup>3</sup>*Declaração de Salamanca* – Foi um acordo assinado por 88 governos e 25 organizações internacionais em uma reunião realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO em 1994, em Salamanca na Espanha. É considerada mundialmente um dos mais importantes documentos que visam à inclusão social, o qual demanda que os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências sejam parte integrante do sistema educacional. (UNESCO & MEC – ESPANHA 1994).

atenção à diversidade e na educação de qualidade para todos, enfatizando que para avançar no processo de inclusão educacional é necessária a adoção de práticas pedagógicas que deem atenção especializada àqueles que necessitam desse cuidado, apresentando assim, possibilidades também para alunos com Down.

A partir da criação dessas políticas públicas passou-se a promover o desenvolvimento das possibilidades educacionais em todos os níveis, ou seja, da educação segregada à educação inclusiva, do olhar para políticas que priorizavam somente a educação básica, para novas possibilidades de acesso a outros níveis do ensino.

Partindo dessas considerações, o presente estudo visa conhecer e analisar um dos caminhos utilizados para inclusão social e desenvolvimento de pessoas com SD: As quatro linguagens da Arte<sup>4</sup> (Teatro, Música, Dança e Artes Visuais).

Para isso, além do levantamento bibliográfico, foi realizada uma pesquisa de campo na Sociedade Educacional Juliano Varela, em Campo Grande, MS, que atende pessoas com SD. A Instituição é uma referência no atendimento dessas pessoas, com atuação consolidada há 22 anos em Campo Grande, desenvolvendo o AEE (Atendimento Educacional Especializado) como ação suplementar e complementar ao ensino regular, estimulando ao máximo as habilidades por meio de várias terapias e atividades, destacando-se a utilização das quatro linguagens da Arte.

A problemática propulsora deste estudo, sintetiza-se na questão: quais as contribuições e possibilidades que as artes representam na formação da pessoa com Síndrome de Down? Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa foi: **descrever e analisar a contribuição das artes no desenvolvimento de pessoas com Síndrome de Down, atendidos pela Sociedade Educacional Juliano Varela.**

Os objetivos específicos foram: descrever as quatro linguagens da Arte utilizadas na instituição pesquisada, e seus efeitos observados no desenvolvimento, das pessoas que ali são atendidas; discutir sobre a importância da formação do artista no Curso de Artes Cênicas e Dança para atuar como educador de pessoas com SD.

A pesquisa qualitativa desenvolvida nessa instituição, foi realizada por três meses de observação participante, tendo como inspiração a etnografia. Procura-se neste artigo trazer também mais uma contribuição para a discussão dentro do curso de Artes Cênicas e Dança,

---

<sup>4</sup>Baseada nos PCN (BRASIL, 1997), optou-se neste trabalho por referir-se a “Arte”, no singular, no sentido em que se considera Arte como uma área de conhecimento, podendo utilizar o termo no plural “Artes” quando precisar no texto destacar a pluralidade das quatro linguagens da Arte.

das possibilidades de seus acadêmicos para atuarem com esse público, descobrindo como as artes atuam na forma de comunicação e interação com a diversidade e a diferença.

Por fim, como prática de reflexão e instrumentalização este trabalho é fundamentado em contribuições de pesquisadores que discutem o processo de inclusão social e as modificações sofridas na forma de pensar e olhar a educação para alunos com necessidades especiais, como a SD.

## 2 OS CAMINHOS DA ARTE

Antes de iniciarmos as reflexões acerca dos caminhos utilizados para a inclusão de pessoas com SD por meio da Arte é necessário ressaltarmos a mudança ocorrida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, referente aos dispositivos direcionados ao ensino e a formação para a docência em Arte. No primeiro semestre de 2016, a então presidente da República, Dilma Rousseff, alterou o parágrafo 6º do art. 26 da Lei nº 9.394/1996, LDB (BRASIL, 2016a) relativo ao ensino de Arte, pela nova Lei 13.278/2016 (BRASIL, 2016b).

De acordo com a nova norma, o parágrafo 6º passou a incluir a seguinte redação: “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o parágrafo 2º deste artigo” (BRASIL, 2016b, p.1). Com a nova redação, o parágrafo 2º fica assim entendido: “O ensino da arte (**compreendendo suas quatro linguagens: artes visuais, a dança, a música e o teatro**), especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 2016, acréscimo em destaque meu).

A Lei estabelece o prazo de cinco anos para que sistemas de ensino implantem as mudanças decorrentes dessa Lei, incluindo a necessária e adequada formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica (Ibid).

Tal transformação no dispositivo reforça a discussão no que concerne a aplicabilidade e utilização das quatro linguagens da Arte no ensino, como instrumento de desenvolvimento e promoção de caminhos que possibilitem a comunicação e conhecimento de suas expressões, visando assim à formação dos alunos nos diversos níveis da educação básica, bem como o aprofundamento dos seus conhecimentos e vivências por meio de diferentes formas artísticas.

Para a arte-educadora Barbosa (2016), a escola deve trabalhar com os diferentes códigos culturais, não somente com aqueles de origem europeia e norte-americana branca, mas também com os códigos indígena, africano e asiático.

É fundamental, neste ponto, explicarmos o que entendemos por cultura neste trabalho. Quando pensamos que a comunidade de pessoas com SD possuem um conjunto próprio de modos de significar suas vivências, remetemo-nos à compreensão de sua cultura dentro das concepções teóricas dos Estudos Culturais britânicos. Nessa perspectiva, conforme Hall (1997a), os seres humanos são interpretativos e instituidores de sentido, toda ação social implica em significação que lhes dê sentido, tanto para os que a praticam como para os que a observam. Significação esta emaranhada nas teias dos diversos “sistemas de significados que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação a outros. [...] Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas ‘culturas’” (HALL, 1997a, p. 1). Ou seja, para ele, toda prática social é prática de significação, é “cultural”.

Nesse aspecto, entendemos como essencial a consideração dos códigos culturais das pessoas com SD, por se tratar de um mecanismo relevante de compreensão das relações e valores em comum que esse grupo estabelece no convívio com outras formas de ser, diminuindo assim as fronteiras e oportunizando diálogos que favoreçam a inclusão e o respeito à diversidade.

Rosa Iavelberg, outra arte-educadora e uma das autoras dos Parâmetros Curriculares Nacionais, reforça a compreensão do ensino de Arte como forma de conhecimento e expressão, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos.

A arte promove o desenvolvimento geral das competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudo, entretanto, não é isso que justifica sua inserção no currículo escolar, mas seu valor intrínseco na formação humana, como patrimônio comum a ser apropriado por todos. (IAVELBERG, 2003, p. 9).

Conforme os preceitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Arte tem uma função tão importante quanto às outras áreas do conhecimento, como a Matemática ou o Português, no processo de ensino e aprendizagem. Sua importância consiste em oportunizar o desenvolvimento da sensibilidade, percepção e imaginação na execução de atividades individuais e coletivas do indivíduo como ser holístico. “A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana” (BRASIL, 1997, p.15).

Seguindo os preceitos dos PCN, o aluno ao fazer e conhecer as artes percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo, desenvolvendo suas potencialidades como percepção, observação, imaginação e sensibilidade que podem alicerçar a consciência do seu lugar. Isso contribui para uma apreensão mais significativa dos conteúdos das outras disciplinas do currículo (BRASIL, 1997).

A partir dessa ideia, pode-se inferir que a importância das artes no desenvolvimento de alunos com SD ocorre exatamente no espaço em que se permite criar novas possibilidades de construção e reconhecimento da sua própria cultura. A Arte manifesta seus frutos ao desenvolver de forma progressiva um comportamento de busca e interação com sua diversidade de atuação, onde o crescimento físico e intelectual dos alunos se processa no fazer, conhecer e apreciar diferentes códigos e conteúdos.

Nesse sentido, podemos começar a traçar os caminhos da Arte para a inclusão não somente por meio de outras formas de ser e pensar, mas também de saber lidar com questões que envolvam o entendimento das diferentes formas de se manifestar em sociedade.

Portanto, as ações educacionais precisam levar em consideração a vivência e saberes desses alunos, priorizando as diferentes formas de se manifestar e por esta razão optar pela adoção de práticas pedagógicas que corroborem para uma educação de qualidade, proporcionando-lhes a construção de suas identidades, bem como a valorização e descoberta de seus limites e possibilidades, utilizando como ferramenta as quatro linguagens da Arte, conforme explica os PCN.

Desta forma, entendemos que a Arte como instrumento de aprendizagem, oferece formas outras de criar e conhecer, abrindo perspectivas de pleno desenvolvimento das potencialidades das pessoas com SD, estabelecendo assim relações de experiência sensível e superação de diversas barreiras, por proporcionar aos alunos situações significativas de experiência e troca, fazendo-se ponte entre universos tidos anteriormente como distantes. “A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade”. (BRASIL, 1997, p.19).

Podemos ainda destacar dentro dos PCN que conhecendo a produção artística nas outras culturas, o aluno poderá compreender a diversidade de valores que orientam tanto seus modos de pensar e agir como os da sociedade, valorizando o que lhe é próprio e favorecendo o entendimento da riqueza e diversidade, revelando formas de perceber, sentir e articular



significados e valores no que concernem aos diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade.

Escrevendo sobre uma das linguagens da Arte, Boal (2005) acentua que o teatro oferece relevantes mecanismos para o sujeito conhecer a si próprio, reconhecer o outro e libertar-se conjuntamente por meio do ato teatral. A conscientização, segundo ele, perpassa pelo corpo, geração de ideias, partilhas, dentre outras formas de criação e expressão do sujeito.

Considerando que a pessoa com SD necessita desenvolver a articulação da fala e comunicação como um todo e devido à hipotonia<sup>5</sup> muscular também, o teatro tem uma grande relevância na expressão oral, na utilização do corpo, como meios de interação com o outro, potencializando o desenvolvimento e atendimento dessas demandas.

Reverbel (1997), pioneira nos estudos e práticas entre teatro e educação no Brasil, afirma que “O ensino do teatro é fundamental, pois através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, a outro e ao mundo que o rodeia” (REVERBEL, 1997, p. 25).

Essa ideia é reforçada por Avelar (2011, p. 28), ao dizer que “a arte cumpre a função, de maneira muito natural, de expandir o universo dos sujeitos envolvidos, ao possibilitar que as pessoas reflitam sobre sua realidade. Ela abre caminhos”.

Percebe-se pelos autores que a Arte possibilita a descoberta de caminhos para um trabalho mais significativo ao pensar em práticas que ampliem a capacidade de interação, incorporando as subjetividades de cada sujeito e as transformando em relações repletas de diálogos férteis, enriquecendo assim o ensino aprendizagem e modificando a forma de ver, pensar e sentir o mundo.

Barbosa enfatiza algumas contribuições específicas de cada linguagem, da seguinte maneira:

As artes visuais desenvolvem a capacidade de percepção visual, importante desde a alfabetização até a solução de grandes conflitos da adolescência [...] O ensino da arte contribui para exercitar essa percepção. A dança amplia a percepção do corpo. Desenvolve, assim como a música, o ritmo e o movimento. Exercita o equilíbrio, não só físico, mas mental. O teatro desenvolve a comunicação. Coloca em pauta o verbal, o sonoro, o visual e o gestual. Talvez seja a mais completa das artes incluídas na escola (BARBOSA, 2016, p.1).

---

<sup>5</sup>Hipotonia - Diminuição do tônus muscular responsável pela língua protusa, dificuldades motoras, atraso na articulação da fala e, em 50% dos casos, cardiopatias. (VARELLA, 2016).

Ainda sobre as quatro linguagens da Arte, Vianna e Strazzacappa afirmam que “A arte [...] propicia igualmente o exercício da sensibilidade. A pintura, a música, a dança, a representação teatral, a escultura e tantas outras formas artísticas aguçam nossos sentidos e provocam sensações em diversas pessoas”. (VIANNA & STRAZZACAPPA, 2004, p. 117).

Ou seja, a Arte é uma área bastante complexa e regida por saberes ligados à ciência ao ser utilizada como fonte de desenvolvimento e compreensão das necessidades que cada aluno carrega em si, bem como o respeito com as diferenças, atuando na comunicação, reinvenção e maturidade física, intelectual, social e cognitiva dos alunos e talvez de forma mais efetiva com aqueles que possuem necessidades educacionais especiais, como será apresentado a seguir.

## **2.1 A ARTE NO DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS COM SD**

Pensar nas limitações e possibilidades do aluno com SD e sua inserção em outros níveis de estudo, além da educação básica, requer um olhar diferenciado para os saberes e práticas em educação especial, direcionados a descoberta de novos caminhos. Muito se tem discutido até o momento sobre a importância das artes e suas contribuições no ato de abrir caminhos para a descoberta de novas possibilidades de entender o mundo que os cerca (MICHELETTO, 2008).

Não é de hoje que as linguagens artísticas se fazem presente no processo de ensino aprendizagem de pessoas que apresentam a SD. Quando se trata desse público e o lugar que a Arte ocupa em suas vidas, podemos ressaltar os avanços e transformações no ato de ver, sentir e pensar nas diferenças, não como barreiras, mas como ponte para a construção de um saber que leve em consideração a subjetividade de cada sujeito, desempenhando ações que os ajudem na tomada de consciência das suas possibilidades por meio das artes (Ibid).

Para a Vice- presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Lourdes Lima (CANAL E, 2016), a pessoa com deficiência não é diferente das demais, sendo necessário o comprometimento não somente do professor, mas da sociedade em conhecer, conviver, para não discriminar, pois a diferença só existe no campo do não conhecer.

Para ela todo ser humano tem muito potencial quando são estimulados a pensar sobre os caminhos possíveis, podendo chegar a diversos lugares não imaginados, tendo visto grandes avanços na trajetória de reconhecimento das possibilidades do aluno com Down, mostrando a capacidade que os mesmos têm de se destacar na sociedade (Ibid).

Diante dessas colocações, concordamos com Micheletto (2009) ao dizer que a chave para a inclusão de pessoas com necessidades especiais encontra-se no conhecimento e nas oportunidades que são ofertadas, no sentido de formação humana, amparado no princípio da igualdade, seja por meio da Arte, que desperta a sensibilidade, a capacidade expressiva, a fala, o corpo, seja por meio das outras disciplinas, que juntas tornam-se importantes ferramentas na busca por uma autonomia, possibilitando uma compreensão diferenciada de mundo e lugar que pertencem (Ibid).

Dentro desse entendimento da Arte como instrumento de desenvolvimento das possibilidades e limitações das pessoas com SD, apresento nas próximas páginas o trabalho realizado na Sociedade Educacional Juliano Varela.

### **3. A INSTITUIÇÃO JULIANO VARELA**

Fundada em 1994, a Associação Juliano Varela foi criada para ser uma instituição filantrópica com objetivo de desenvolver pessoas com Síndrome de Down e outras deficiências. Sua trajetória teve início em 1991, com o nascimento de Juliano Fernandes Varela, quando foi diagnosticado com a Síndrome de Down.

Após o tratamento de Estimulação Precoce realizado na Clínica de Reabilitação Doutor Veras, no Rio de Janeiro, após dois anos, os pais e amigos de Juliano fundaram a Associação com seu nome que atualmente atende 194 alunos. Os alunos atendidos pela Associação são estimulados de forma precoce às experiências das quais necessitam desde o seu dia de nascimento, com a finalidade de desenvolver ao máximo seu potencial. Os estudantes têm atendimento clínico nas áreas de fonoaudiologia, fisioterapia, terapia ocupacional e apoio psicológico à família, de forma individual e/ou coletiva, integrados com o trabalho pedagógico buscando o olhar interdisciplinar. O objetivo é estimular o desenvolvimento motor global, inibir os reflexos, orientar na alimentação, auxiliar no desenvolvimento da fala e linguagem, diminuindo o atraso cognitivo decorrente da Síndrome e favorecendo a autonomia.

Dentro dessa proposta, a Associação oferece aulas de Artes Visuais, Dança, Teatro, Música, Educação Física, por meio de atividades pedagógicas, que propiciam seu desenvolvimento integral, utilizando diversos estímulos, sempre com a finalidade de melhorar a qualidade de vida de todos os alunos com SD, tornando real o processo de inclusão e minimizando os atrasos causados pela Síndrome, facilitando assim sua inserção na sociedade.

### 3.1 A PESQUISA NO JULIANO VARELA

Ao pesquisar um determinado grupo que possui características próprias e maneiras distintas de interação entre seus participantes, tive a oportunidade de refletir sobre aquilo que até então era desconhecido ao meu olhar.

Ao imergir na realidade da Instituição por alguns meses, trazia na bagagem da minha formação um aporte teórico em desenvolvimento, muitas dúvidas, mas também algumas visões romantizadas, por exemplo, sobre o que é ser uma pessoa com SD. Logo percebi que as minhas preocupações eram pequenas diante da vasta complexidade das questões relacionadas à Síndrome e que começaram a tomar conta do meu cotidiano, ao iniciar esta pesquisa.

A etnografia serviu de inspiração para esta pesquisa, embora ela não tenha sido realizada com a imersão e rigor próprios deste tipo de investigação. Segundo Clifford (1998), a etnografia constitui um método de investigação próprio das ciências sociais para obtenção de dados a partir do contato entre o cientista social e a cultura e costumes de um determinado grupo. Nesse tipo de pesquisa, a observação participante é o principal instrumento realizada através da imersão em determinado grupo social por um tempo suficiente para conseguir captar a realidade da forma mais abrangente possível.

Nesse sentido, convivi com eles durante o período de três meses, até o fechamento do primeiro semestre de 2016, com a apresentação da peça “Circo Down, Down”. Acompanhei as aulas que envolveram as quatro linguagens da Arte, duas vezes por semana, às terças e quintas-feiras, das 07 às 11 horas e observei como sua utilização era importante para o desenvolvimento social, cognitivo e psicomotor dos estudantes. Conviver com eles e compartilhar de suas histórias, pensamentos e sonhos, aos poucos foram tornando minhas leituras e compreensão sobre a SD muito mais significativas, ao buscar um olhar para as práticas realizadas que respondesse aos meus questionamentos.

As atividades eram realizadas no Polo Juliano Varela, na quadra de esportes ainda em construção, e que futuramente virá a ser a sede da Instituição. As linguagens da Arte desenvolvidas nesse Polo são: a Fotografia, Artes Visuais, Dança, Teatro e Música (Banda Down Rítmica). Nas Artes Visuais, especificamente na oficina de arte, trabalha-se com reciclagem, materiais alternativos, produção de objetos e papietagem, que consiste em uma técnica de confecção de adereços cênicos.

Pude nesse período compartilhar ativamente das atividades de pintura, dança e teatro em forma de observação participativa. Nas apresentações musicais fui apenas

observadora. O meu processo de inclusão se deu por meio da inserção nas atividades propostas pelos educadores, onde tive a oportunidade de construir um relacionamento de confiança e entendimento, realizando as mesmas tarefas, com a finalidade de tentar observar a realidade dessa outra cultura, o mais próximo da vivência dos alunos.

Percebi certo estranhamento no início por parte dos mesmos, mas de maneira bastante implícita, quase como que perguntassem quem eu era e o que estava fazendo ali. Aos poucos entre um questionamento e outro, se o desenho estava bonito ou não, por exemplo, fui me aproximando e senti muitas respostas traduzidas na sutileza e sensibilidade de um abraço. No teatro cheguei a auxiliar um dos alunos na preparação do seu personagem, ao ensinar malabares, percebendo a força e dedicação em querer superar suas limitações físicas, sendo uma atitude perceptível no grupo. A reação deles frente às atividades artísticas eram episódios de relacionamento social, numa comunidade que tinha suas formas peculiares de interagir e de se comunicar.

Procurei registrar o máximo das impressões no meu caderno e posteriormente refletindo a cerca do que vivenciava nas aulas. Chamou-me atenção os resultados percebidos na apresentação final do Circo Down, Down, que propiciou aos alunos e professores certa satisfação, destacando avanços significativos na construção da autonomia e desenvolvimento da corporeidade, por realizar todos os números de forma independente e consciente. Um processo possível mediante os ensaios e trabalho dos professores ao estimular os alunos na descoberta das inúmeras possibilidades que o circo pode oferecer, não somente na finalização de um semestre ou enquanto atividade artística, mas no lugar de instrumento de apreensão e reconhecimento das suas possibilidades.

Observei que a equipe procurava buscar as melhores alternativas para o desenvolvimento de suas habilidades. No entanto, possivelmente, as atividades tenham sido pensadas a partir das limitações dos discentes, quando poderiam ser mais desafiadoras, considerando o potencial escondido de muitos deles.

Além da observação participante, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a três professores, aqui nomeados como P1, P2 e P3 e cinco alunos com SD, aqui denominados de A1, A2, A3, A4 e A5.

### **3.2 A VOZ DOS PROFESSORES**

Dentre as questões apresentadas aos professores, as centrais foram três: ‘Quais são as contribuições e possibilidades que o ensino de artes representa na formação dos alunos com

Síndrome de Down’? ‘Em sua opinião, a formação universitária hoje, capacita os profissionais da educação para este desafio’? E por fim, ‘o que o curso de Artes Cênicas e Dança da UEMS deveria ensinar ao futuro profissional de artes, para ser um bom professor de pessoas com Síndrome de Down’?

Os três professores que atendem no Polo visitado possuem Ensino Superior. Um deles é licenciado em Educação Física e desenvolve a dança e música na Instituição e dois são formados em Artes Visuais que atuam mais com o teatro, pintura e fotografia. Nenhum deles possui especialização em Educação Especial. Cada profissional respondeu pensando na sua área de atuação, descrevendo o uso e importância de cada linguagem referente à Arte.

Referindo-se às contribuições da Arte na aprendizagem e descoberta das possibilidades dos estudantes, os professores afirmaram que:

A dança auxilia aos alunos com SD no processo de descoberta do universo que os cerca. A partir dela, eles melhoram a noção de espaço e lateralidade, bem como a construção da sua corporeidade, aspectos importantes em sua formação. “Vejo a sua capacidade (da dança) de auxiliar no que ele sabe e ainda pode aprender, descobrindo dessa forma a si mesmo e os outros, é uma forma de se expressar e ter convívio social, trabalhando ao mesmo tempo questões como espaço e lateralidade, importantes no processo de sua formação” (P1).

No relato de P2, a Arte serve como um estímulo para a criatividade e desenvolvimento do aluno com Down, ao possibilitar que o mesmo tenha uma linguagem própria à medida que se ofereça meios para que isto aconteça. “Eu vejo que a Arte auxilia bastante na formação dos alunos, não somente na parte motora fina, mas principalmente no estímulo a criatividade e desenvolvimento de uma expressão própria, uma linguagem própria, se soltando aos poucos” (P2). Ele continua ainda, dizendo que: “Eu vejo avanços significativos à medida que oferecemos meios para que isso aconteça, embora eles tenham certa resistência ou acomodação no ato de pensar, preferindo respostas prontas” (Ibid).

A Arte possibilita que o aluno com Down se desenvolva de modo inconsciente segundo destaca P3. “Eu costumo dizer que nessa parte entra a questão da satisfação estética, do aprimoramento estético. Quando falamos da questão estética, estamos falando de algo implícito, algo inconsciente” (P3). E enfatiza dizendo:

O aluno não tem consciência que está aprendendo, do quanto determinada atividade faz bem, mas o satisfaz de alguma forma. Ele se sente satisfeito em fazer aquilo. Então essa satisfação que torna ele mais completo, entrando todas as relações de autoconhecimento, vivência em sociedade, respeito aos outros, de forma que entendam a limitação de um, de outro e a sua própria limitação. Toda essa consciência vem desse envolvimento estético que a arte possibilita (P3).

Podemos dizer que nessa satisfação estética, o aluno com SD acaba tendo uma percepção de mundo, conseguindo absorver à sua maneira o que acontece em seu entorno, mesmo com suas limitações.

No caso das Artes Plásticas, você tem essa relação voltada para o fazer. A pintura, onde eles podem construir novas formas e significados ao objeto, que na visão deles não tinha tanta utilidade, também é uma satisfação estética. Eu vejo eles nesse sentido, muito mais do que uma simples aprendizagem. **Eles não vão sair daqui Artistas Plásticos, um ou outro pode despontar e levar para frente.** Mas a ideia é essa, focar e trabalhar o inconsciente (P3).

Em outras palavras, o gosto subjetivo pelas Artes, vivenciadas pelos alunos com SD, propicia seu desenvolvimento em vários aspectos que podem ser inconsciente.

Deste modo, podemos destacar em comum entre os três professores, que a Arte, em suas quatro linguagens, tem como objetivo principal, auxiliar o aluno com SD em seu desenvolvimento. Favorecendo-o na construção de sua autonomia, corporeidade e superação das barreiras físicas e sociais. Isso permite que o mesmo tenha uma maior possibilidade de alcançar níveis superiores aos comuns, mesmo não sendo capacitados para se tornar Artistas Plásticos, como P3 citou, por exemplo.

A segunda questão refere-se à efetividade da formação universitária: ‘Em sua opinião, a formação universitária, hoje, capacita os profissionais da educação para o desafio de trabalhar Arte com a pessoa com SD’?

P1 argumentou que o ensino oferecido pelas instituições de ensino superior é o básico. “Não (capacita). Porque a universidade te dá o diploma e o básico. Primeiro você aprende por meio de aulas específicas e teóricas que auxiliam no processo, mas se aprende de verdade na prática” (P1). O professor se refere principalmente ao ensino voltado à educação especial. “Para qualquer profissional que tiver a oportunidade de conviver, conhecer os passos antes de sua real inserção na área que pretende atuar, o trabalho tende a ser futuramente melhor. Down não é só Down... É artista” (Ibid). Destaca que é o conviver que faz o diferencial para a formação profissional, pois, no seu entendimento, se aprende verdadeiramente na prática: “A convivência hoje é o que faz o diferencial para cada profissional, pois quando cheguei no Juliano Varela não compreendia o que os alunos falavam, hoje eu compreendo por meio do conviver” (Ibid).

P2 também enfatiza que a universidade hoje não capacita para o desafio da educação especial. Mas pontua que o aprendizado como educador só ocorre a partir da relação do dia-a-dia, do cotidiano, por meio da convivência com o aluno. Sendo que podemos até

saber na teoria as limitações, qualidades, mas é na prática que se descobre as possibilidades, interagindo com o universo deles e obtendo resultados.

“A formação universitária hoje não capacita para o desafio da educação especial. Você até tem treinamento, mas a aprendizagem só será efetivada na prática, na vivência, trabalhando com eles. Trata-se na verdade de uma questão de experiência, que se adquire no relacionamento cotidiano” (P2). E ressalta ainda: “Você pode até saber na teoria quais são as limitações, qualidades, mas é na prática que descobrimos as possibilidades de interlocução, sendo mais perspicaz e criando um relacionamento, interagindo com o universo deles e obtendo resultados” (Ibid).

O que P2 menciona parece ser uma realidade, pois mesmo que a formação universitária alcance suas propostas, cada pessoa com SD é única e é a partir da convivência com cada um que se aprende qual será a melhor abordagem individualizada, através de uma atitude de abertura para aprender como melhor alcançar o outro, o diferente. Ou seja, a formação não termina na universidade, mas deve ser de fato continuada. “Vai muito da sensibilidade do professor saber lidar com tais questões. Portanto vejo como saída uma educação mais sensível, um olhar que se inicia na universidade (Ibid). Ou seja, a formação do professor para atuar com pessoas com SD deveria ser acima de tudo atitudinal, aguçando essa sensibilidade.

A vivência de mundo é um dos pontos destacado por P3, o qual afirma que é nela que se constitui todo o suporte para desenvolver formas eficazes para o ensino-aprendizagem de pessoas com SD. P3 também afirma que a universidade não capacita para a atuação com pessoas com SD, e complementa: “Acho que a universidade não está capacitando pra nada, nem para o ensino regular. Então quer dizer que minha formação foi péssima? Não. A minha formação foi básica. Eles me deram os instrumentos. A universidade te oferece os instrumentos para explorar o mundo” (P3).

Sabemos que educação superior é denominada de formação inicial, mas muitos talvez ainda olham para essa etapa da formação como se fosse a final, sem a compreensão da necessária continuidade de explorar o mundo. Nesse sentido, P3 pergunta: “E onde é explorar o mundo? São as vivências. Trabalhar no campo, vir (à realidade), conhecer, sentir e realizar. Você percebe que cada um tem a sua individualidade, principalmente se tratando de pessoas com Down” (Ibid). Ou seja, cada pessoa com SD é única e não há receitas prontas genéricas que caibam para todas.

Não podemos colocar eles dentro de um quadradinho, pois cada um tem uma corporeidade, performance, que vem desde a estimulação precoce. Você pode ler todas as teorias do mundo, mas é a vivência que dará todo o suporte. Então quer



dizer que não precisa ler? Não. A teoria é um norte para onde devemos ir. A universidade só te oferece esses instrumentos (Ibid).

Portanto, os professores destacam que o ensino das universidades oferece aos acadêmicos apenas um conhecimento básico a partir da teoria e oferta de instrumentos, mas a vivência, a prática, o universo de uma sala de aula, por exemplo, tende a ser chave para a construção de relações mais completas, principalmente no que tange o ensino de pessoas com necessidades especiais.

Sendo necessária a adoção de outros níveis e formas de conhecimento, como uma especialização e o conviver na experiência prática. Pois, a partir do conhecimento especializado, da vivência de mundo e de um olhar sensível, é possível trabalhar com alunos especiais e oferecer uma melhor qualidade no ensino.

Na terceira questão, a pesquisa procurou ser mais específica, com o intuito de buscar uma nova forma de oferecimento ao ensino-aprendizagem. ‘O que o curso de Artes Cênicas da UEMS deveria ensinar ao futuro profissional de Artes para ser um bom professor de pessoas com SD’?

P1 destaca a necessidade de sempre ter em mãos um plano B, apesar de haver um plano de aula, o professor em sala de aula precisa lidar com algumas adversidades que possam vir a surgir, e em razão disto, é necessário sempre ter alternativas para lidar com as situações cotidianas.

A expressão corporal vem junto com a motora. Tem muita gente que tem a formação, mas chega na prática e não sabe lidar com as situações que aparecem no cotidiano. Diversas vezes você vai chegar e (o que preparou) não dar certo. Pode fazer um belo plano de aula, mas tem que ter cartas na manga para lidar com as possíveis situações que vão surgir. Na minha área não trabalho com questões teóricas e sim práticas, embora tenha formas de passar a teoria sem que eles percebam. Lógico que você tem que ensinar, mas na parte prática e priorizar por meios e formas que eles entendam o conteúdo, compreendendo o que pode ou não fazer (P1).

Outro ponto lembrado por P2 está relacionado à importância do estágio, a partir dele, é possível oportunizar a vivência e experienciar o ensino-aprendizagem. De forma que para ser um bom professor de pessoas SD é necessário o olhar sensível e o reconhecimento da importância dos saberes comuns que cada aluno carrega em si.

Para ser um bom professor de pessoas com necessidades especiais é necessário o olhar sensível, o despertar para o reconhecimento das vivências desses alunos e reconhecer a importância do que eles trazem na mala. Para tanto os estudantes na universidade precisam desse olhar, dessa oportunidade de vivenciar, como um

estágio, as práticas desenvolvidas dentro das instituições e demais escolas de atendimento (P2).

P3 ressalta a necessidade do olhar sensível do acadêmico em formação, ou seja, desenvolver atitudes não preconceituosas em relação às pessoas com necessidades educacionais especiais, sabendo que essa bagagem que trazem são potenciais de aprendizagem que podem nos surpreender. O estágio é colocado como uma oportunidade para desenvolvimento desse olhar sensível.

Essa noção de que você não sabe nada. Conscientizar os alunos que os instrumentos para trabalhar estão dispostos, mas que isso só será concretizado no campo, vivendo as questões cotidianas e sentindo cada particularidade de ser uma convivência com eles e saber quais ferramentas usar. O que você tem ou não e correr atrás pra aprender. Não pensar que você sai pronto, mas tentar dar o máximo de instrumentos, pois não existe uma fórmula de desenvolvimento da aprendizagem perfeita. E independente do curso, se é arte ou outro voltado para a educação. Ter sempre essa consciência. Os estágios já é um ponto de partida, para saber com quem está lidando, sem ter um olhar preconceituoso. E que tem Down que consegue ir para o mercado de trabalho e outros não (P3).

Portanto, apesar das universidades oferecer a formação inicial aos seus acadêmicos por meio de teorias e técnicas, acredito que se faz necessário uma maior vivência prática, a fim de exercitar no cotidiano as possíveis questões que possam surgir no universo da sala de aula, sempre pontuando que o ensino de pessoas com SD precisa ser pautado por meio de relações de proximidade e convivência, baseadas no olhar sensível e adoção de práticas que levem em consideração não somente as suas limitações.

### **3.3 A VOZ DOS ALUNOS**

Participaram desta entrevista cinco alunos com idade superior a 18 anos. Encontravam-se em processo de inserção no mercado de trabalho, por meio de atividades nas oficinas profissionalizantes que a Instituição oferece, também chamado de Programa de Treinamento Profissional. Os alunos passam por atendimentos especializados, como Psicologia em grupo, aliado à fonoaudiologia, com a finalidade de expor seus pensamentos, melhorando a fala, a comunicação e minimizando os atrasos decorrentes da Síndrome, facilitando o relacionamento deles para viver com outras pessoas no ambiente de trabalho. Todos eles participam das atividades das quatro linguagens da Arte desenvolvidas na Instituição.

As questões apresentadas aos alunos focalizaram suas aspirações e aprendizagem. Foram elas: Entre a música, o teatro, a dança e pintura, o que você mais gosta de aprender na instituição? Qual o seu maior sonho?

Em relação à primeira pergunta, suas respostas variaram entre “eu gosto do Teatro” (A2), “Eu já prefiro a aula de Dança” (A4). As jovens disseram preferir a Dança, realizada na “Quintaneja”, nome dado à programação com músicas sertanejas e dança que ocorre às quintas-feiras (A1, A3, A5). E geral, demonstram consciência e interesse nas possibilidades ofertadas pela Instituição e a influência que as atividades culturais exercem em seus pensamentos e visões de mundo.

Quanto aos sonhos nenhum deles pontuou o interesse de ingresso no ensino superior, destacando em sua maioria a preocupação em alcançar autonomia por meio da sua colocação em setores da indústria e comércio, articulados no programa entre escola e empresas afiliadas. As perguntas foram objetivas o que resultou em respostas pontuais, mas penso que em virtude da peculiaridade que possuem na articulação da fala, suas respostas foram curtas no que diz respeito ao que mais gostam de aprender.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo dessa pesquisa, percebi que cada linguagem da Arte tem sua importância e contribuição no desenvolvimento das pessoas atendidas na Sociedade Educacional Juliano Varela, tendo como eixo em comum a preocupação em melhorar e superar as limitações comuns a cada sujeito que possui a Síndrome de Down. As atividades preparadas pelas profissionais da Instituição se desenrolavam de forma objetiva, baseadas em questões práticas e concretas, que resultavam num maior retorno na compreensão de mundo e percepção das suas possibilidades. Através da discussão teórica e da pesquisa de campo realizada na instituição, foi possível observar as contribuições de cada linguagem.

Foi possível evidenciar a contribuição da Dança como uma atividade física que reduz as complicações decorrentes da cardiopatia, dificuldades motoras, dentre outras alterações físicas, que comprometem o desenvolvimento das pessoas com SD. Contribui também para a descoberta de potencialidades, valorização das diferenças e aprimoramento do processo mental de percepção, memória, ao decorar coreografias. Tornando-os indivíduos independentes e atuantes, ao incentivar as relações em grupo e o enfrentamento de estigmas, proporcionando uma melhor qualidade de vida e elevação da autoestima.

Pode-se perceber que o Teatro atua na formação de sujeitos autônomos, ao proporcionar aos alunos novas experiências, por meio de jogos lúdicos, descobrindo gradualmente a si próprio e ao mundo que o rodeia. E ao longo do desenvolvimento das atividades de artes, os estudantes da instituição podem aprender, simultaneamente a aprendizagem da Arte, os conteúdos específicos das demais disciplinas, além do exercício da dicção em virtude da especificidade na articulação da fala.

A Música mostrou-se fundamental no desenvolvimento da coordenação motora, hipotonia e ritmo, estimulando as funções cerebrais, por meio da Banda Rítmica Down, que é a única no Brasil formada por alunos com SD. Trabalhando a linguagem verbal dos estudantes, aguçando a sensibilidade auditiva e criatividade no contato e confecção de instrumentos.

E por fim, foram destacadas as contribuições das Artes Visuais, que tendem a estimular a criatividade e percepção, ao aprimorar a sensibilidade estética, construindo novas formas e significados, como a confecção de objetos, pintura em tela e trabalho com diferentes materiais recicláveis, sendo que essa produção é colocada à venda, dando um significado objetivo à essa empreitada.

Portanto, constata-se que as quatro linguagens da Arte estão muito presentes na instituição como instrumentos e caminhos que possibilitem uma melhora das condições que afetam as pessoas com SD, contribuindo de maneira efetiva no desenvolvimento social, cognitivo e psicomotor das pessoas atendidas na Sociedade Educacional Juliano Varela.

Neste trabalho, vimos a necessidade da universidade, incluindo a UEMS, formar o futuro professor de Arte desenvolvendo seu olhar sensível, ou seja, uma educação para atitudes abertas e positivas, desconstruindo preconceitos e entendendo que as pessoas com SD, embora em ritmos e tempos diferentes, podem ter as habilidades e competências necessárias para a sua realização como pessoa. Procuramos, finalmente, destacar a importância do desenvolvimento dessa sensibilidade por parte dos professores, a fim de reconhecer o quanto temos a aprender com a afetividade das pessoas com SD, por meio do conviver. Sendo que as universidades podem melhorar esse enfoque, levando os alunos para a prática, a fim de ter o conhecimento das vivências, exercitando a teoria fora dos domínios acadêmicos.

Constatamos que a questão central pode estar no olhar de quem vê a pessoa com SD. Enxergá-los como diferentes/iguais parece ser fundamental para que o processo do incluir não ocorra de maneira superficial, mas que aconteça de fato, para que não seja inferiorizados

em virtude da Síndrome. Eles têm a Síndrome, mas podem ter as mesmas possibilidades, desde que aprendam e sejam estimulados para isso, no seu tempo, de forma adequada. Eles podem ser estimulados, ser desafiados para além dos muros simbólicos das limitações.

## 7 – REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A Importância do Ensino das Artes na Escola**. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>>. Acesso em: 18 de out. de 2016.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – ARTE**. Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde – Secretária de atenção à saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. **Diretrizes de atenção à pessoa com síndrome de down**. Brasília, 2014. Disponível em: <[http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_atencao\\_pessoa\\_sindrome\\_down.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf)> Acesso em: 20 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em 10 set. 2016a.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 13.278, de 2 de maio 2016**. <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.html](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.html)>. Acesso em 10 de set. de 2016b.

\_\_\_\_\_. **Medida provisória 745 de 22 de setembro de 2016**. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm)>. Acesso em 01 de nov. de 2016c.

CANAL E. **Em Dia Com a Educação**. Direção: Ericler Gutierrez. Entrevista com Lourdes Lima. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=p4vogOu3sq4>>. Acesso em: 18 out. 2016

CLIFFORD, J. **A Experiência Etnográfica**-Antropologia e Literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1998. (Org. José Reginaldo Santos Gonçalves).

G1. Jovens com síndrome de Down chegam à universidade. Edição do dia 21/03/2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/03/jovens-com-sindrome-de-down-chegam-universidade.html>. Acessado em 12 de dez. 2016.

GONÇALVES, Nilma. Faculdade em Conquista diploma a 1ª baiana com Down. **A Tarde**. Disponível em <http://atarde.uol.com.br/bahia/materias/1505733-faculdade-em-conquista-diploma-a-1a-baiana-com-down>. Acessado em 12 de dez. 2016.

HISSA, C E. V, et. al. **Travessias e Fronteiras: Saberes de Vida e Arte**. In: Romulo, Avelar. Conversações: de artes e de ciências. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 28.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: Sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MELO, Mariane Franco. A arte como instrumento da inclusão social. **Pedagogia em ação**, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010.

MICHELETTO, F.S.M. **Ensino de Arte para alunos com deficiência: relato dos professores**. 2009. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

REVERBEL, Olga. **Um Caminho do Teatro na Escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

SAAD, Suad nadar. Preparando o caminho da inclusão: dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com Síndrome de Down. In: **Res. Bras. Ed. Esp**, Marília, jan-jun. 2003, v.9, n.1, p.57-58.

TEJADA. **Jovem com síndrome de Down conclui curso e tira 10 em TCC no RS**. Entrevista com Fabiane Tejada. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/12/jovem-com-sindrome-de-down-conclui-curso-e-tira-10-em-tcc-no-rs.html> >. Acesso em: 10 set. 2016

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> > Acesso em: 20 out. 2015.

VARELLA, Dráuzio. **Síndrome de Down**. Disponível em: <https://drauziovarella.com.br/crianca-2/sindrome-de-down/> >. Acesso em: 5 out. 2016.

VIANNA, Tiche; STRAZZACAPPA. Marcia. Reinventando Mundos. In: Sueli Ferreira: **O ensino das artes: Construindo Caminhos**. 3.ed Campinas, SP: Papirus, 2004.

# Anexo

## **Entrevista Professores**

- 1) Qual é a sua formação profissional?
- 2) Tem alguma formação específica?
- 3) Quais são as quatro linguagens da arte utilizadas na Sociedade Educacional Juliano Varela?
- 4) De que forma a senhora percebe que eles aprendem melhor na Instituição?
- 5) Quais são as contribuições e possibilidades que o ensino de artes representa na formação dos alunos com Síndrome de Down?
- 6) Como a Arte contribui para a comunicação e a inclusão social dos alunos com Síndrome de Down?
- 7) Dentre essas quatro linguagens, quais são as limitações encontradas pelos alunos?
- 8) Sabemos que lidar com indivíduos que possuem necessidades especiais é algo delicado. Em sua opinião, a formação universitária hoje, capacita os profissionais da educação para este desafio?
- 9) Em sua opinião, o que o curso de Artes Cênicas e Dança da UEMS, deveria ensinar ao futuro profissional de artes, para ser um bom professor de pessoas com Síndrome de Down?

## **Respostas**

### **P1**

- 1) Profissional Educação Física
- 2) Não
- 3) Teatro, Artes plásticas, Dança e Música (Banda Down e Capoeira)
- 4) Por meio da repetição e jogos lúdicos. Quanto mais repetir, mais fácil é o aprendizado, pois são poucos os que conseguem absorver questões mais complexas.
- 5) No que tange o ensino da dança e suas contribuições e possibilidades na formação dos alunos, vejo a sua capacidade de auxiliar no que ele sabe e ainda pode aprender,



descobrir dessa forma a si mesmo e os outros, pois a dança é uma forma de expressar e ter convívio social, trabalhando ao mesmo tempo questões como espaço e lateralidade que são importantes no processo de formação.

- 6) A comunicação é entre eles mesmos. Muitos alunos tem a fala comprometida. Portanto a convivência entre professor e aluno que faz ter essa clareza no ato de comunicar, não só com eles, mas uns com os outros.
- 7) Percepção de Ritmo  
Lateralidade  
Coordenação Motora (o que mais compromete)  
Sendo que os alunos ainda tem dificuldade no raciocínio lógico para a educação de movimentos mais rápidos.
- 8) Não. Porque a universidade te dá o diploma e o básico. Primeiro você aprende por meio de aulas específicas e teóricas, que auxiliam no processo, mas se aprende de verdade na prática. Para qualquer profissional que tiver a oportunidade de conviver, conhecer os passos antes de sua real inserção na área que pretende atuar, o trabalho tende a ser futuramente melhor. Down não é só Down... É artista. A convivência hoje é o que faz o diferencial para cada profissional, pois quando cheguei no Juliano Varela não compreendia o que os alunos falavam, hoje eu compreendo por meio do conviver.
- 9) A expressão corporal vem junto com a motora. Tem muita gente que tem a formação, mas chega na prática e não sabe lidar com as situações que aparecem no cotidiano. Diversas vezes você vai chegar e não dar certo. Pode fazer um belo plano de aula, mas tem que ter cartas na manga para lidar com as possíveis situações que vão surgir. Na minha área não trabalho com questões teóricas e sim práticas, embora tenha formas de passar a teoria sem que eles percebam. Lógico que você tem que ensinar, mas na parte prática e priorizar por meios e formas que eles entendam o conteúdo, compreendendo o que pode ou não fazer.

## **P2**

- 1) Licenciatura Plena Artes Visuais
- 2) Não
- 3) No Polo Juliano Varela Utilizamos diversas linguagens como a Fotografia, Artes Plásticas, Dança, Teatro e Música (Banda Down Rítmica). Eu especificamente ministro as aulas de Artes Plásticas e Teatro.
- 4) Os alunos tem um maior rendimento por meio das atividades práticas. Não adianta lançar de complexos teóricos, ficar explicando muito. Temos que priorizar por aulas práticas e concretas, sem muitos detalhes, sendo claro e objetivo nas ações propostas. A teoria é aplicada na prática sem que eles percebam que existe uma complexidade por trás daquilo que eles estão vivenciando. Temos que simplificar e mostrar no concreto, mesmo assim existe dificuldades.
- 5) Eu vejo que a Arte auxilia bastante na formação dos alunos, não somente na parte motora fina, mas principalmente no estímulo a criatividade e desenvolvimento de uma

expressão própria, uma linguagem própria, se soltando aos poucos. Eu vejo avanços significativos à medida que oferecemos meios para que isso aconteça, embora eles tenham certa resistência ou acomodação no ato de pensar, preferindo respostas prontas.

- 6) A arte contribui a medida que permite aos alunos se expressar livremente, pois entendo a arte como uma forma de expressão e uma grande ferramenta ao trabalhar na redução de algumas dificuldades, como a fala, buscando outros meios de interagir, comunicar e estabelecer relações de conhecimento por meio do fazer artístico e de maneira consciente.
- 7) No Teatro especificamente não vejo grandes dificuldades na parte de expressão, pois eles se comunicam com maior propriedade, sem ter certo ou errado, não existe censura e eles gostam muito. Embora tenham limitações físicas, como a coordenação motora que é bastante comprometida, mas apresenta boas melhoras à medida que trabalhamos. Mas o principal é o estímulo a criatividade para que os mesmos não fiquem repetindo o que o colega faz.
- 8) A formação universitária hoje não capacita para o desafio da educação especial. Você até ter treinamento, mas a aprendizagem só será efetivada na prática, na vivência, trabalhando com eles. Trata-se na verdade de uma questão de experiência, que se adquire no relacionamento cotidiano. Você pode até saber na teoria quais são as limitações, qualidades, mas é na prática que descobrimos as possibilidades de interlocução, sendo mais perspicaz e criando um relacionamento, interagindo com o universo deles e obtendo resultados. Vai muito da sensibilidade do professor saber lidar com tais questões. Portanto vejo como saída uma educação mais sensível, olhar que se inicia na universidade.
- 9) Para ser um bom professor de pessoas com necessidades especiais é necessário o olhar sensível, o despertar para o reconhecimento das vivências desses alunos e reconhecer a importância do que eles trazem na mala. Para tanto os estudantes na universidade precisam desse olhar, dessa oportunidade de vivenciar, como um estágio, as práticas desenvolvidas dentro das instituições e demais escolas de atendimento.

### **P3**

- 1) Licenciatura plena em Artes Visuais
- 2) Não
- 3) Fotografia, Música, Dança, Artes plásticas, oficina de arte (a arte é bem genérica, no caso da oficina de arte, a gente trabalha com reciclagem, materiais alternativos, produção de objetos, papietagem. O objetivo é trabalhar com várias linguagens do campo da arte, não somente pintura.
- 4) Aprendem melhor por meio da vivência, praticando. O aprendizado deles é aquela coisa. Eles aprendem pela repetição, sempre retomando, um trabalho diário de repetição. Ai, eles conseguem compreender, embora existam os que tenham uma maior dificuldade de assimilação, que os outros. Você ensina e no outro dia já não lembram mais, por este motivo temos sempre que fazer essa ponte de retomar os

conteúdos. No caso da fotografia, por exemplo, são conceitos complexos, mais de estética propriamente dita, onde fica um pouco mais complicado afirmar que aprenderam de fato.

- 5) Eu costumo dizer que nessa parte entra a questão da satisfação estética, do aprimoramento estético. Quando falamos da questão estética, estamos falando de algo implícito, algo inconsciente. O aluno não tem consciência que está aprendendo, do quanto determinada atividade faz bem, mas o satisfaz de alguma forma. Ele se sente satisfeito em fazer aquilo. Então essa satisfação que torna ele mais completo, entrando todas as relações de autoconhecimento, vivência em sociedade, respeito aos outros, de forma que entendam a limitação de um, de outro e a sua própria limitação. Toda essa consciência vem desse envolvimento estético que a arte possibilita. Na fotografia foco na percepção de mundo, do que está em nosso entorno. Numa das atividades perguntei: O que tem na grama? “Eles não sabiam que tinha bichos, cogumelos, revelando a falta de consciência do mundo que os cerca”. Essa noção estética de tudo. No caso das Artes Plásticas você tem essa relação voltada para o fazer. A pintura, onde eles podem construir novas formas e significados ao objeto, que na visão deles não tinha tanta utilidade, também é uma satisfação estética. Eu vejo eles nesse sentido, muito mais do que uma simples aprendizagem. “Eles não vão sair daqui Artistas plásticos, um ou outro pode despontar e levar para frente”. Mas a ideia é essa, focar e trabalhar o inconsciente.
- 6) Idem a resposta anterior
- 7) A complexidade de conceitos. Eles conseguem produzir, mas se perguntarmos se eles sabem o que acabaram de fazer, a resposta é negativa. Eles não sabem. Tudo fica de uma forma implícita, na qual eles sabem, tem noção, ideia de que maneira é legal, certa, mas não conseguem absorver os conceitos. É tudo muito abstrato e para eles isso é complicado, pois todas as relações se estabelecem no concreto. É uma limitação que não interfere no trabalho diretamente. É como eu disse: “Eles não vão ser Artistas plásticos. Estão apenas vivendo experiências, que contribuem internamente e psicologicamente”. Mas a limitação é justamente essa de compreender conceitos, além das funções básicas, como coordenação motora, fala, concentração e temperamento. A impaciência não permite o término dos trabalhos com qualidade e determinados alunos permanecem por muito tempo desenvolvendo uma única atividade, outros não conseguem e por ai vai. Tem essas limitações que são comuns a todas as linguagens desenvolvidas aqui.
- 8) Não. Acho que a universidade não está capacitando pra nada, nem para o ensino regular. Então quer dizer que minha formação foi péssima? Não. A minha formação foi básica. Eles me deram os instrumentos. A universidade te oferece os instrumentos para explorar o mundo. E onde é explorar o mundo? São as vivências. Trabalhar no campo, vir, conhecer, sentir e realizar. Você percebe que cada um tem a sua individualidade, principalmente se tratando de pessoas com Down. Não podemos colocar eles dentro de um quadradinho, pois cada um tem uma corporeidade, performance, que vem desde a estimulação precoce. Você pode ler todas as teorias do mundo, mas é a vivência que dará todo o suporte. Então

quer dizer que não precisa ler? Não. A teoria é um norte para onde devemos ir. A universidade só te oferece esses instrumentos.

- 9) Essa noção de que você não sabe nada. Conscientizar os alunos que os instrumentos para trabalhar estão dispostos, mas que isso só será concretizado no campo, vivendo as questões cotidianas e sentindo cada particularidade de ter uma convivência com eles e saber quais ferramentas usar. O que você tem ou não e correr atrás pra aprender. Não pensar que você sai pronto, mas tentar dar o máximo de instrumentos, pois não existe uma formula de desenvolvimento da aprendizagem perfeita. E independente do curso, se é arte ou outro voltado para a educação. Ter sempre essa consciência. Os estágios já é um ponto de partida, para saber com quem está lidando, sem ter um olhar preconceituoso. E que tem Down que conseguem ir para o mercado de trabalho e outros não.